



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO 134
JUNHO 2012

**A Primavera Árabe no Próximo المستقبل
futuro القريب**





© Mária Lessa

4

Aprender com Arte

Numa escola básica de Lisboa, várias dezenas de crianças aprendem a Matemática e o Estudo do Meio, mas também formas de se expressarem através da música, do teatro, das artes plásticas ou da dança. O projeto experimental do Clube UNESCO de Educação Artística, apoiado pela Fundação Gulbenkian, contribuiu para melhorar as suas aprendizagens, mas também a forma como estão na escola e em sociedade.

8

Gulbenkian Música 12/13

No ano em que a Orquestra Gulbenkian celebra 50 anos de existência, a nova temporada de música anuncia-se plena de acontecimentos e de algumas celebrações. A 15 de setembro, dia de abertura, haverá atividades para todas as idades, com concertos, filmes e encontros com músicos. Um dia de festa com entrada livre.



Jyll Bradley, *Audiences* (Galapagos), 2012

14

Galápagos: uma perspetiva diferente

Doze artistas internacionais estiveram nas Galápagos numa residência artística invulgar, a convite da delegação britânica da Fundação Gulbenkian. As suas obras, agora expostas em Liverpool, mostram uma visão muito diferente das ilhas encantadas de Charles Darwin. Depois da Bluecoat Gallery, a exposição estará também na Fruitmarket Gallery em Edimburgo, a partir de novembro. Em abril do próximo ano virá para o Centro de Arte Moderna, em Lisboa.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 134. JUNHO. 2012 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Godinho | André Cunha | Patrícia Fernandes | Teresa Leitão
DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **FOTO DA CAPA** Ons Abid, *Victory* (da Série *Tunisian Revolution*), 2011 | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TRAGEM** 10 000 exemplares
Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



19

Desmond Tutu em Lisboa

No dia **25 de junho**, um dos rostos mais conhecidos na luta pelos direitos humanos e pela paz estará na Fundação Gulbenkian para uma conversa-debate com o Alto Representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações. Às **18h30**, no **Auditório 2**, Desmond Tutu e Jorge Sampaio falarão do mundo atual e dos esforços para o transformar num lugar mais justo e pacífico. Desmond Tutu estará também na Fundação para participar na Reunião do Programa de Embaixadores Globais da eHealth, de que é presidente.

24

A Primavera Árabe no Próximo Futuro

Muita música, conferências e mesas-redondas na Festa da Literatura e do Pensamento do Norte de África, noites temáticas no ciclo de cinema ao ar livre, são alguns dos motivos para não perder a programação do Próximo Futuro, a partir do **dia 22**. Com uma forte componente sobre a Primavera Árabe, a programação terá também o melhor do teatro sul-americano e as instalações de arte pública no Jardim Gulbenkian.



31

A alimentação e os desafios da economia

O ciclo de conferências dedicado ao Futuro da Alimentação elegeu o dia **14 de junho** para a discussão sobre os desafios económicos e a alimentação. Francisco Avillez e Filomena Duarte são os oradores convidados para a conferência que será antecedida por um encontro sobre empreendedorismo, com casos considerados bem-sucedidos em matéria de inovação alimentar.

índice

primeiro plano

4 **Aprender com Arte**

notícias

8 **Celebrar os 50 anos da Orquestra Gulbenkian**

12 **Joaquim Sapinho e a Escola de António Reis**

13 **Distinções no IndieLisboa**

14 **Galápagos: uma perspetiva diferente**

16 **Novo transportador de fosfato em plantas**

17 **Portal IGC para professores**

17 **Encontro de jovens investigadores europeus**

18 **Crianças e Jovens em Risco – segunda fase do programa**

18 **Associação Orquestras Geração**

19 **Desmond Tutu em Lisboa**

19 **Reunião da Plataforma para a Saúde Mental**

bolseiros gulbenkian

20 **Luís Gomes**

um outro olhar

22 **Fernando Galrito**

em maio

24 **A Primavera Árabe no Próximo Futuro**

30 **Josef Albers na América**

30 **Antoni Muntadas. Entre/ Between**

31 **A Teoria do Caos: de Homer Simpson ao Futuro do Planeta**

31 **A alimentação e os desafios da economia**

32 **novas edições**

33 **catálogos de exposições na biblioteca de arte**

uma obra

34 **272B9**





primeiro plano.....

Aprender com Arte

No início do ano letivo de 2009, duas turmas da Escola Básica Raul Lino, em Lisboa, iniciaram um projeto experimental no 1.º ciclo a que chamaram “Educação Artística para um currículo de excelência”. Uma iniciativa do Clube UNESCO de Educação Artística, apoiada pelo setor de Educação da Fundação Gulbenkian, que acredita que a arte pode ajudar a melhorar o desenvolvimento das crianças e potenciar um crescimento mais harmonioso.

“Lixo, lixo, para quê tanto lixo? É tempo de mudar e começar a reciclar” é a letra da canção entoada pelas crianças que ocupam o palco improvisado da Escola Francisco Arruda, neste dia especial de apresentação do trabalho conjunto das quatro variantes artísticas – a dança, a música, as expressões dramática e plástica.

As mãos empunham garrafas usadas de plástico, enfiadas em cartão reaproveitado e com bolas de restos enfeitadas com cores fortes. Ao fundo, as caixas de ovos, os baldes de plástico, as vassouras, ajudam à música dos instrumentos

a sério, numa orquestra afinada e muito atenta ao que se vai passando no centro do palco. Ali, as crianças vestidas de sementes e terra já tinham rolado no chão para fazerem emergir a árvore de braços abertos ao dia, numa clara mensagem de defesa da natureza e do meio ambiente. No à-vontade infantil, já se entrevê o trabalho corporal de três anos que os ajuda a movimentar-se e a ter consciência do espaço que ocupam. Ana Marques, a professora de expressão corporal, começou a trabalhar com este grupo a partir do 2.º ano e não tem dúvidas sobre as melhorias



© Mária Lessa

“na capacidade de concentração, na motivação e na desinibição”. Ana conta que a construção da árvore resultou de um exercício feito em aula individualmente. A construção conjunta surgiu depois da leitura de um conto de Sophia de Mello Breyner Andresen que originou “o movimento individual e muitas árvores a serem construídas”. “A passagem do individual ao grupo foi um passo que eles deram naturalmente”, acrescenta.

Como em todas as histórias infantis, esta também tem elementos maus, aqui protagonizados pelo Pedro, que representou a poluição. Ele é a realidade a mudar e a pequena peça de teatro que se desenrola no palco faz alusão aos que podem mudar as coisas; não falta a figura do professor e até a do Gabinete do Sr. Ministro, escondido atrás do dossiê com o carimbo “arquivado”. A Maria gostou muito “de decorar as falas e de as fazer”, enquanto a Leonor prefere falar de “representar”, um termo que não é estranho à professora de expressão dramática, a atriz Amélia Videira, incansável no papel de encenadora e contrarregra nesta peça. Apesar das dificuldades das marcações, da dicção e dos papéis, a professora acredita na valorização através da arte, convencida de que “cada um de nós tem aptidão para alguma coisa, sendo a educação artística a grande impulsionadora para a revelação dessas possibilidades”.



© Mária Lessa



CRUZAR AS ARTES COM AS MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS

O espetáculo, a que alguns preferem chamar “apresentação”, é o culminar de muitos meses de trabalho articulado entre os professores responsáveis pelas turmas – José Roque e Miguel Almeida – e as quatro professoras das áreas artísticas. Semanalmente, e durante 45 minutos, cada turma experimenta e aprende a música, a dança, as artes plásticas e dramáticas, em conjugação com as matérias obrigatórias e curriculares. Miguel Almeida lembra que esta apresentação foi articulada com Estudo do Meio e também foi trabalhada no Português, enquanto José Roque acentua a colaboração entre a Música e a Matemática, porque, através dos “tempos” musicais, se torna mais fácil explicar as frações e as casas decimais. Para ambos é claro que, ao fazerem este espetáculo, “todas as disciplinas foram trabalhadas, desde a Língua Portuguesa, passando pelo Estudo do Meio, até à Matemática”.

Teresa Santos, a professora de Música, fala da multidisciplinaridade como uma mais-valia para estas crianças que, ao cumprirem os objetivos escolares, cruzam saberes e formas de aprender. Teresa regista que ao memorizar as falas da peça, as crianças percebem que podem usar essa aprendizagem e “aplicá-la a outras áreas do saber”. “As coisas ficam com outro sentido e eles percebem que todos os saberes se cruzam”, remata.

A criatividade e a expressividade são objetivos centrais deste projeto criado pelo Clube UNESCO, coordenado pela professora Ana Pereira Caldas, antiga diretora do Conservatório Nacional e uma incansável defensora da educação artística. Além de salientar a articulação entre as artes e as áreas curriculares, Ana Pereira Caldas diz que os alunos

já vão para estas aulas com “a mesma naturalidade com que vão para o Português ou a Matemática”, já que não se trata de “entretenimento, mas de uma disciplina de formação”. E acrescenta: “Eles entendem-na como tal e sentem-na como tal e tem sido uma experiência fabulosa.”

CRIATIVIDADE EM AÇÃO

As duas turmas da EB1 Raul Lino começaram este projeto há três anos e o balanço é unânime: “tem valido a pena”. Todos os professores registam a facilidade com que as crianças trabalham os materiais, o à-vontade e a capacidade de fazerem nascer novas ideias. Ana Marques assinala que agora “não é preciso dar-lhes quase nada” para que criem, enquanto a professora de expressão plástica, Joana Andrade, destaca a “capacidade de analisarem e compreenderem situações concretas e outras mais abstratas”. Ambas notam que “eles às vezes trazem problemas do recreio, mas, quando entram na aula, é o momento de trabalharem em conjunto e tudo fica esquecido”.

Amélia Videira recorda a forma como começou esta apresentação e quando pegaram no tema da natureza, da árvore e da poluição. Em relação ao texto, primeiro conversou com eles sobre o assunto, ouviu o que sabiam e depois fizeram “umas improvisações e escreveram o que iam dizendo”. Levou essas notas para casa e estruturou-as. Na aula seguinte leu-lhes os textos escritos, dizendo: “Escrevi isto a partir do que disseram. O que é que vos parece? Querem fazer alterações?” E eles foram entrando no processo da escrita, criativamente e em conjunto. O envolvimento de todos é fundamental para Amélia Videira, que defende o “sentimento de pertença, de estar por dentro do espetáculo”



como o mais importante para a inclusão de todas as crianças. Os professores das turmas notam as diferenças entre estas crianças e outras que não tiveram acesso à educação artística e dizem “estas são mais criativas, têm outra maneira de estar e acabam por adquirir competências em várias áreas, muitas na escrita e na oralidade”. José Roque e Miguel Almeida lembram que o facto de rodarem por todas as expressões artísticas e depois terem oportunidade de se expressar em público as faz adquirir um nível de formação mais equilibrado, vencendo medos e dificuldades.

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, PARA QUÊ?

Ana Pereira Caldas é perentória quando lhe perguntam as razões para esta “cruzada” sobre a necessidade de ter educação artística nas escolas, dizendo que “o desenvolvimento da criatividade nas crianças não é para as artes, é para a vida”. E acrescenta que “uma pessoa que desenvolveu a criatividade, a atenção, a capacidade de desenvolver novas competências, tanto pode ser um artista como um banqueiro, um empregado de uma loja, um médico, é indiferente”, no entanto será decerto um ser humano “mais preparado e harmonioso”. Em última análise, diz, “queremos ajudá-las a serem mais felizes”.

Quando chegou à Escola Raul Lino, o Clube UNESCO deparou-se com duas turmas de diferentes comportamentos: uma mais disciplinada e regular, outra com mais problemas e em que as crianças vinham de famílias desestruturadas. Hoje, as diferenças não se notam, nem no comportamento nem no rendimento escolar, o que confirma a convicção de Ana Caldas: “A educação artística faz parte da educação e isso deveria ser assumido pelo poder político.” ■



A história de um projeto

A educação artística está prevista no plano de estudos do ensino básico, mas raramente é levada à prática com a dignidade merecida, já que os professores de turma não têm formação e disponibilidade suficientes para o fazerem sozinhos e durante um ano letivo em que têm de cumprir outros objetivos considerados prioritários. Assim surgiu o projeto apresentado ao administrador da Fundação Gulbenkian, Eduardo Marçal Grilo, pelo Clube UNESCO de Educação Artística, pertencente à Associação Pró-Educação Artística, que defende a educação artística em contexto escolar como uma forma de melhorar a socialização, o desenvolvimento e a criatividade de todas as crianças.

Em outubro de 2009, as duas turmas da EB1 Raul Lino, do Agrupamento de Escolas Francisco Arruda, em Lisboa, iniciaram o projeto experimental que deverá terminar no próximo ano letivo, quando os alunos, agora no 3.º ano, completarem o 4.º ano do 1.º ciclo. Ao longo destes três anos, o Clube UNESCO tem notado os “progressos registados na aquisição de competências que favorecem o sucesso educativo das crianças, como sejam a motivação, o empenho, a criatividade e a capacidade de expressão e de comunicação”.

A pensar na continuidade da experiência e no alargamento a outras escolas, a Fundação Gulbenkian está ainda a apoiar um outro projeto do Clube que consiste em três ações de formação nesta área para professores do ensino básico. Em Odivelas, em Portalegre e em Castelo de Vide, cerca de 100 professores recebem formação específica que poderá depois ser posta em prática nas escolas do país. ■



Pedro Furtado

notícias

Celebrar os 50 anos da Orquestra Gulbenkian

É em ambiente de festa que, no dia 15 de setembro, sábado, o Grande Auditório vai abrir as suas portas para um dia cheio de atividades para todas as idades, com concertos, filmes e encontros com músicos, tudo de entrada livre. E não é caso para menos, já que a nova temporada vai comemorar os 50 anos da Orquestra Gulbenkian. A abrir os festejos, às 15h, a Orquestra dirigida por **Joana Carneiro** interpretará, num concerto para famílias, *Pedro*

e *o Lobo* de Sergei Prokofiev, com narração de Catarina Furtado, e a *Sinfonia dos Brinquedos* de Joseph Haydn. A fechar, às 19h, a Orquestra volta ao palco com o maestro **Pedro Neves** e o pianista **Mário Laginha**, para um programa com obras de Ludwig van Beethoven, George Gershwin e Luís Tinoco. Entre estes dois concertos, a Orquestra vai desdobrar-se em várias formações, envolvendo alguns dos seus melhores solistas, com uma programação muito

diversificada, que vai de Beethoven a Parker, às 16h, e de Bach aos Beatles, às 17h. Às 18h, um momento especial, com uma versão para quarteto de cordas e harpa da primeira peça tocada pela Orquestra Gulbenkian em 1962, **Danças para Harpa e Orquestra de Cordas** de Claude Debussy.

Para além deste dia de portas abertas, haverá ainda um concerto especial comemorativo dos 50 anos da Orquestra, no dia 17 de outubro, com o maestro titular, **Lawrence Foster**, a conduzir a **Sinfonia n.º 85 de Haydn** e a estreia mundial de uma obra encomendada para a ocasião ao compositor **Vasco Mendonça**.

Estas foram algumas das muitas novidades anunciadas ao público no final do mês passado por Risto Nieminen, diretor do Serviço de Música da Fundação, na apresentação ao público da Gulbenkian Música 12/13, realizada no Grande Auditório.

Uma temporada que se estende até dia 15 de junho, e que terá, como habitualmente uma oferta muito diversificada, cruzando vários períodos, estilos e géneros, centrada, como habitualmente, na Orquestra e Coro Gulbenkian, mas acolhendo outras formações e intérpretes de excelência, numa programação que aprofunda as linhas de forças das duas temporadas anteriores, e que tem como pano de fundo os 50 anos da Orquestra.

GULBENKIAN MÚSICA 12/13

Serão apresentados **157 espetáculos**, num total de **184 eventos**, incluindo filmes, documentários, conferências e as transmissões em alta definição, da Metropolitan Opera de Nova Iorque.

Destaque para os concertos da **Orquestra Filarmónica de Berlim**, dirigida por **Simon Rattle**, da **Royal Concertgebouw Orchestra**, sob a direção de **Mariss Jansons**, da **Orchestre des Champs-Élysées**, com o maestro **Philippe Herreweghe**, e para o sempre saudado regresso da **Gustav Mahler Jugendorchester**, para uma série de concertos.



Vasco Mendonça



Sir Simon Rattle e Orquestra Filarmónica de Berlim

Regressa também a soprano **Karita Mattila** para interpretar as Quatro Últimas Canções de Richard Strauss e estreia-se no Grande Auditório a meio-soprano norte-americana **Joyce DiDonato** com um aliciante programa de árias de ópera barrocas.

Um ciclo dedicado a **William Shakespeare**, no mês de maio, dá a ouvir as duas últimas óperas de Giuseppe Verdi, *Otello*, em versão de concerto, e *Falstaff*, em versão semi-encenada, a sinfonia dramática *Romeu e Julieta* de Hector Berlioz, e a suite *Sonho de Uma Noite de Verão* de Felix Mendelssohn. Este ciclo prevê a exibição de filmes sobre cada uma destas peças: *Othello* e *Falstaff* de Orson Welles, *Romeo & Juliet* de Franco Zeffirelli e *A Midsummer Night's Dream* de Max Reinhardt.

O maestro **René Jacobs** regressa a Lisboa para dirigir *A Flauta Mágica*, de Mozart, em versão de concerto, com a **Akademie fur Alte Musik Berlin** e o **RIAS-Kammerchor**. Referência especial para a atuação de três Orquestras portuguesas, a **Ludovice Ensemble**, dirigida por Miguel Jalôto, com um programa de motetes de Couperin e Charpentier; a **Divino Sospiro**, conduzida por Enrico Onofri com *L'Orfeo* de Monteverdi, numa versão semi-encenada, e um concerto de música portuguesa do século XVIII; e por fim, os **Músicos do Tejo**, dirigidos por Marcos Magalhães, que apresentam *Dido e Eneias*, de Purcell, e *Into the Little Hill*, de Benjamin, esta última integrada no ciclo Teatro/Música, em parceria com o Teatro Maria Matos.

Este ciclo inclui ainda *A Africana*, uma peça de **Cão Solteiro** e **Vasco Araújo** baseada na ópera *L'Africane* de Meyerbeer; *Gefaltet*, concerto coreografado por Sasha Waltz e Mark Andre; *Les pendus*, uma peça de **Josse de Pauw** com música de Jan Kuiken; e a ação cénica *O Martírio de S. Sebastião*, de Claude Debussy, em coprodução com a Cité de la musique entre vários outros parceiros. Será ainda apresentada a peça *3Abschied*, com música de Gustav Mahler coreografada por **Anne Teresa De Keersmaecker**, no âmbito do programa Artista na Cidade.



Quarteto Casals



Mário Lúcio

OBRAS ENCOMENDADAS PELA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Em foco estará a estreia absoluta em Portugal da ópera *Émilie*, de **Kaija Saariaho**, coencomenda da Fundação Gulbenkian, da ópera de Lyon e do Barbican Centre, Londres, baseada numa obra de Amin Maalouf sobre a vida de Émilie de Châtelet, uma aristocrata francesa de espírito brilhante, amante de Voltaire, que foi matemática, física e tradutora de Isaac Newton. A produção agora apresentada é interpretada pela soprano **Barbara Hannigan**, com encenação, cenografia e figurinos de **Vasco Araújo** e **André E. Teodósio**. No decorrer da temporada, serão estreadas outras duas encomendas da Gulbenkian Música: *Requiem*, de António Pinho Vargas, e, em conjunto com a Berkley Symphony Orchestra, *Alfama*, de Andreia Pinto-Correia, jovem portuguesa radicada nos Estados Unidos. Este concerto tem a colaboração do pianista de jazz **Uri Caine**. As duas peças serão tocadas pela Orquestra Gulbenkian e dirigida pela maestrina **Joana Carneiro**.

A temporada tem como compositor residente **Marc-André Dalbavie**, cuja obra estará em destaque, em especial em fevereiro, mês que acolhe um festival dedicado à música francesa. À semelhança de Thomas Adès na temporada passada, Dalbavie dirigirá a Orquestra Gulbenkian na interpretação de obras suas e também de outros compositores (Claude Debussy).

PIANO E INTEGRAIS

A lista dos pianistas que se apresentam ao longo da temporada, quer a solo, quer com orquestra, é interminável: **Evgeny Kissin**, **Grigory Sokolov**, **András Schiff**, **Murray Perahia**, **Arcadi Volodos**, **Piotr Anderszewski**, **Christian Zacharias**, **Nikolai Lugansky**, **Nicholas Angelich**, **Javier Periares**, **Gabriela Montero**, **Evgeni Bozhanov**, **Leif Ove Andsnes**, **Zoltán Kocsis**, **Yefim Bronfman**, **Paul Lewis**,



Gefaltet, concerto coreografado por Sasha Waltz e Mark Andre

Mitsuko Ushida



Rudolf Buchbinder, Elena Bashkirova e Elisabeth Leonskaja. Destaque para a primeira apresentação no Grande Auditório da pianista **Mitsuko Ushida**, que irá tocar e dirigir a Mahler Chamber Orchestra.

Quatro integrais estão incluídas na programação: os **concertos de piano de Beethoven** (Orquestra Gulbenkian/Lawrence Foster/Rudolf Buchbinder), os **quartetos de cordas de Schubert**, (Quarteto Casals), as **sonatas de pianos de Schubert** (Elisabeth Leonskaja) e, por fim, a **integral das sinfonias de Brahms**, pela Orquestra Gulbenkian dirigida por vários maestros.

Grandes obras corais como **A Missa em Dó menor** e o **Requiem** de Mozart, a **Missa em si menor** e a **Oratória de Natal** de Brahms e o **Te Deum** de António Leal Moreira serão interpretadas pelo Coro Gulbenkian, dirigidas pelo seu maestro titular Michel Corboz e vários outros maestros convidados.

Orquestra Gulbenkian

A Orquestra Gulbenkian começou como uma formação de câmara composta por 12 elementos. A sua primeira apresentação pública deu-se no dia 22 de outubro de 1962 no palco de Teatro Nacional D. Maria II no âmbito de um programa comemorativo do centenário do nascimento de Claude Debussy, promovido pela Fundação Gulbenkian.

Foram cinco dias dedicados a este mestre do impressionismo francês, envolvendo vários músicos nacionais e internacionais. A Orquestra de Câmara Gulbenkian atuou no segundo dia, interpretando as Danças para Harpa e Orquestra de Arco, dirigidas pelo maestro Lamberto Baldi, com a participação da harpista Phia Berghout (na foto). Foi o princípio de uma aventura que já leva 50 anos e que passou por várias evoluções: a formação inicial foi sendo progressivamente alargada até adotar, em 1971, o nome por que hoje é conhecida – Orquestra Gulbenkian. Atualmente composta por 66 instrumentistas, é reforçada em função dos programas tocados, permitindo abranger um amplo repertório orquestral. Realiza temporadas regulares de concertos no Grande Auditório, bem como digressões pela Europa, Ásia, África e Américas. Entre os últimos projetos discográficos, destaca-se a primeira gravação mundial do *Requiem de Salieri* e um registo com obras de Ligeti, Kodály e Bartók, ambos sob a direção de Lawrence Foster e editados pela Pentatone. Mais recentemente, a Orquestra Gulbenkian lançou um disco dedicado ao público juvenil – *Pedro e o Lobo*, de Prokofiev, *O Carnaval dos Animais*, de Saint-Saëns, *Guia da Orquestra para Jovens*, de Britten –, sob a direção de Joana Carneiro. Desde a temporada de

MÚSICAS DO MUNDO E MET OPERA

O ciclo Músicas do Mundo vai prosseguir com algumas figuras ilustres da *world music* como **Rokia Traoré**, **Amadou & Mariam**, **Ute Lemper**, **Victor Gama**, **Paco Ibáñez**, **Viktorija Mullova** (com peças do repertório cigano), **Ensemble Al-Kindi**, **Accademia del Piacere**, **Amjad Ali Khan** e **Mário Lúcio**, atual ministro da Cultura de Cabo Verde.

As transmissões em direto da Metropolitan Opera são para manter e este ano serão 12 as produções apresentadas: **Aida**, **Otello**, **Rigoletto** e **Un Ballo in Maschera** de Verdi, **L'elisir d'amore** de Donizetti, **The Tempest** de Thomas Adès, **La Clemenza di Tito** de Mozart, **Les Troyens** de Berlioz. **Maria Stuarda** de Donizetti, **Parsifal** de Wagner, **Francesca da Rimini** de Zandonai e **Giulio Cesare** de Handel.

Mais informações em www.musica.gulbenkian.pt ■



02/03, Lawrence Foster é o responsável pela direção artística do agrupamento, acumulando as funções de maestro titular. Claudio Scimone, que ocupou este último cargo entre 1979 e 1986, foi nomeado em 1987 maestro honorário. Joana Carneiro é maestrina convidada desde a temporada de 06/07. ■



Rosa de Areia (1989), de António Reis. Coleção Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

Joaquim Sapinho e a Escola de António Reis

O cinema português continua em destaque no estrangeiro. Desta vez, a propósito do mais recente filme de Joaquim Sapinho que, com o apoio da Fundação Gulbenkian, em setembro de 2011 viajou até ao outro lado do Atlântico, para ser exibido na 36.ª edição do Festival de Cinema de Toronto (Seleção Oficial), o mais prestigiado festival do continente americano e uma porta fundamental para o reconhecimento internacional.

Deste Lado da Ressurreição é a quarta longa-metragem de Joaquim Sapinho (Sabugal, 1965), depois de *Corte de Cabelo* (1995), *Mulher Polícia* (2003) e *Diários da Bósnia* (2005). O filme segue as tensões no relacionamento entre dois irmãos, quando um deles pretende afastar-se do quotidiano e dos referentes socioculturais da sua geração para abraçar o sacerdócio. Os programadores do Festival de Toronto destacaram a “fotografia deslumbrante” num filme que capta a beleza da praia onde a personagem de Rafael vive e faz surf, enquanto luta com a sua busca

interna de transcendência. “Sapinho atravessa com bravura um território sensível, avançando delicadamente à medida que procura retratar a interseção de valores seculares e religiosos”, lia-se na nota de apresentação do filme em Toronto.

Com Pedro Sousa e Joana Barata nos principais papéis, as projeções de *Deste Lado da Ressurreição* foram muito bem acolhidas no festival. Haden Guest, crítico da publicação de referência *Film Comment*, também estava lá e elegeu a longa-metragem de Sapinho um dos dez melhores filmes de 2011. Mas não ficou por aqui: o também diretor do Harvard Film Archive contactou Sapinho e propôs-lhe ir mais além na divulgação da sua obra. Foi então que o realizador português lançou o desafio para que o seu trabalho fosse entendido num âmbito mais lato – o do universo criativo de António Reis (1927-1991), seu professor e de outros cineastas da sua geração na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde o próprio Sapinho dá aulas atualmente.

UM TRIBUTO

Assim surgiu “The School of Reis: The Films and Legacy of António Reis and Margarida Cordeiro”, um ciclo com curadoria de Haden Guest, apresentado pelo Harvard Film Archive como “um tributo a António Reis enquanto fonte de inspiração dos mais importantes talentos do cinema contemporâneo português”. A retrospectiva inclui uma seleção de obras de antigos alunos de António Reis – Pedro Costa, João Pedro Rodrigues e Joaquim Sapinho –, mas também dos cineastas com quem trabalhou diretamente.

Nascido no Porto, António Reis foi assistente de realização na primeira obra-prima radical de Manoel de Oliveira, *Acto da Primavera*, trabalhando ao lado de outro importante colaborador, Paulo Rocha. O modo pioneiro do cinema etnográfico poético definido por Oliveira e Reis orientaram então as quatro extraordinárias obras que Reis codirigiu com a sua mulher, a psicóloga Margarida Cordeiro (n. 1939). O trabalho de António Reis, como artista visionário e mentor, marcaria o renascimento do cinema português pós-25 de abril e a nova geração de cineastas que emergiram nas décadas de 80 e 90 do século XX.

A retrospectiva A Escola de Reis foi apresentada no final de maio na Cinemateca do Harvard Film Archive (Cambridge, Massachusetts), ocasião em que decorreu a antestreia nos Estados Unidos de *Deste Lado da Ressurreição*. Para o efeito, o Programa Gulbenkian para as Artes Performativas apoiou financeiramente a conversão para película (35mm) do filme de Joaquim Sapinho. No final de junho, o mesmo ciclo será apresentado no Anthology Film Archives, em Nova Iorque, a cinemateca que tem como diretor artístico Jonas Mekas.

Joaquim Sapinho iniciou o seu percurso cinematográfico em 1994, com um documentário sobre o artista plástico Julião Sarmento e, desde então, tem explorado a longa-metragem de ficção, o que já lhe valeu vários prémios internacionais. Através da produtora Rosa Filmes, de que é fundador, tem acompanhado e promovido também outros cineastas portugueses. O seu filme *Deste Lado da Ressurreição* terá estreia comercial nas salas portuguesas até ao final de 2012. ■



Deste Lado da Ressurreição, de Joaquim Sapinho



Deste Lado da Ressurreição, de Joaquim Sapinho



Deste Lado da Ressurreição, de Joaquim Sapinho

Distinções no IndieLisboa

A *Vossa Casa*, filme de João Mário Grilo apoiado pela Fundação Gulbenkian, venceu o Prémio para Melhor Documentário Português na última edição do IndieLisboa, que decorreu entre 26 de abril e 6 de maio. *A Vossa Casa* é um documentário sobre o legado do arquiteto Raul Lino (1879-1974). Na categoria de Curtas-Metragens, o júri do IndieLisboa entregou o Prémio para Melhor Realizador Português a João

Salaviza, por *Cerro Negro*, filme de ficção que resultou de uma encomenda do Programa Gulbenkian Próximo Futuro, em 2011, e que acompanha a separação forçada de um casal de imigrantes em Lisboa. João Salaviza considera *Cerro Negro* o segundo capítulo da trilogia iniciada com a curta *Arena* (Palma de Ouro em Cannes 2009) e completada este ano com a curta *Rafa* (Urso de Ouro em Berlim). ■



Galápagos: uma perspetiva diferente

Kaffe Matthews, 2009

De uma exposição sobre as ilhas Galápagos espera-se normalmente fotografias e pinturas da vida selvagem e de aves raras, como a patola-de-pés-azuis que de tanto retratada já é quase símbolo das ilhas. Porém, a mais recente exposição *Galápagos*, atualmente em exibição no Reino Unido, revela-nos uma realidade bastante diferente. Fruto de um programa de residência artística promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, a exposição reúne o trabalho de doze artistas internacionais que foram enviados para as Galápagos com a única missão de retratarem livremente aquilo que mais os impressionasse. Descobriram material suficiente para inspirar uma obra que refletisse um conhecimento mais aprofundado dos complexos desafios sociais e ambientais que afetam o arquipélago. O que se revela é uma realidade de interesses em conflito que suscita comparação com outras partes do mundo – também sujeitas a múltiplas exigências – e nos faz pensar melhor em como nos relacionamos com o meio ambiente nos nossos próprios contextos.

O PROGRAMA DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

O programa de residência artística nas Galápagos nasceu do interesse da Fundação Calouste Gulbenkian em fomentar encontros entre a arte e a ciência, em parceria com a Galapagos Conservation Trust, uma instituição de solidariedade social dedicada à proteção e conservação das ilhas. As duas organizações refletiram sobre as mesmas questões:

que significado poderão ter para nós as longínquas ilhas Galápagos? Como podemos apreciá-las e conservá-las melhor? E será que é possível reconhecermos nessa realidade remota desafios e complexidades que nos tocam mais perto de casa? Com cada vez mais artistas interessados em política ambiental, a residência artística foi pensada como uma oportunidade para explorar criativamente as várias dimensões que definem as ilhas.

Através das suas várias obras, os artistas mostram-nos que as Galápagos – património mundial icónico e símbolo do trabalho clássico de Charles Darwin –, mais do que um “laboratório vivo”, são um lugar de interesses concorrentes: o das espécies de plantas e de animais únicos, dos cientistas que as procuram estudar e preservar, dos turistas ansiosos por experimentarem as “ilhas encantadas” e da população local, que fez dali a sua casa e procura simplesmente viver e prosperar. Esta complexidade, às vezes difícil de compreender e explicar, tornou-se um terreno fértil para a imaginação e criatividade dos artistas.

Os ARTISTAS E AS SUAS OBRAS

Jyll Bradley, Paulo Catrica, Filipa César, Marcus Coates, Dorothy Cross (com a colaboração da atriz e realizadora Fiona Shaw), Alexis Deacon, Jeremy Deller, Tania Kovats, Kaffe Matthews, Semiconductor e Alison Turnbull foram os doze artistas que entre 2007 e 2011 visitaram as ilhas Galápagos. A variedade de ferramentas artísticas reflete



Paulo Catrica, *La Cascada*, Puerto Ayora, 2010

a diversidade dos participantes que utilizaram filme, pintura, escultura, fotografia, animação, instalação, ilustração e som para retratarem a variedade de fenômenos com que se depararam.

Dorothy Cross, por exemplo, utiliza a fotografia para retratar o impacto do crescimento populacional sobre os animais e os seus habitats e Kaffe Matthews compõe som tridimensional, que acompanha os movimentos dos tubarões através das águas profundas. Paulo Catrica utiliza também a fotografia, mas para explorar a presença de seres humanos nas ilhas não como entidades invasoras ou superiores, mas como parte integrante da sua biodiversidade. As suas fotografias de casas construídas por imigrantes equatorianos – por vezes com muito custo e dificuldade – mostram-nos as ilhas como lugar de procura de liberdade e prosperidade. Marcus Coates adota uma perspetiva semelhante e, no seu agora famoso documentário *Relatório Humano*, disfarça-se em patola-de-pés-azuis e questiona cientistas, turistas e a população sobre os seus estranhos hábitos, subvertendo a nossa visão tradicional da lei natural e colocando os seres humanos e os animais em pé de igualdade.

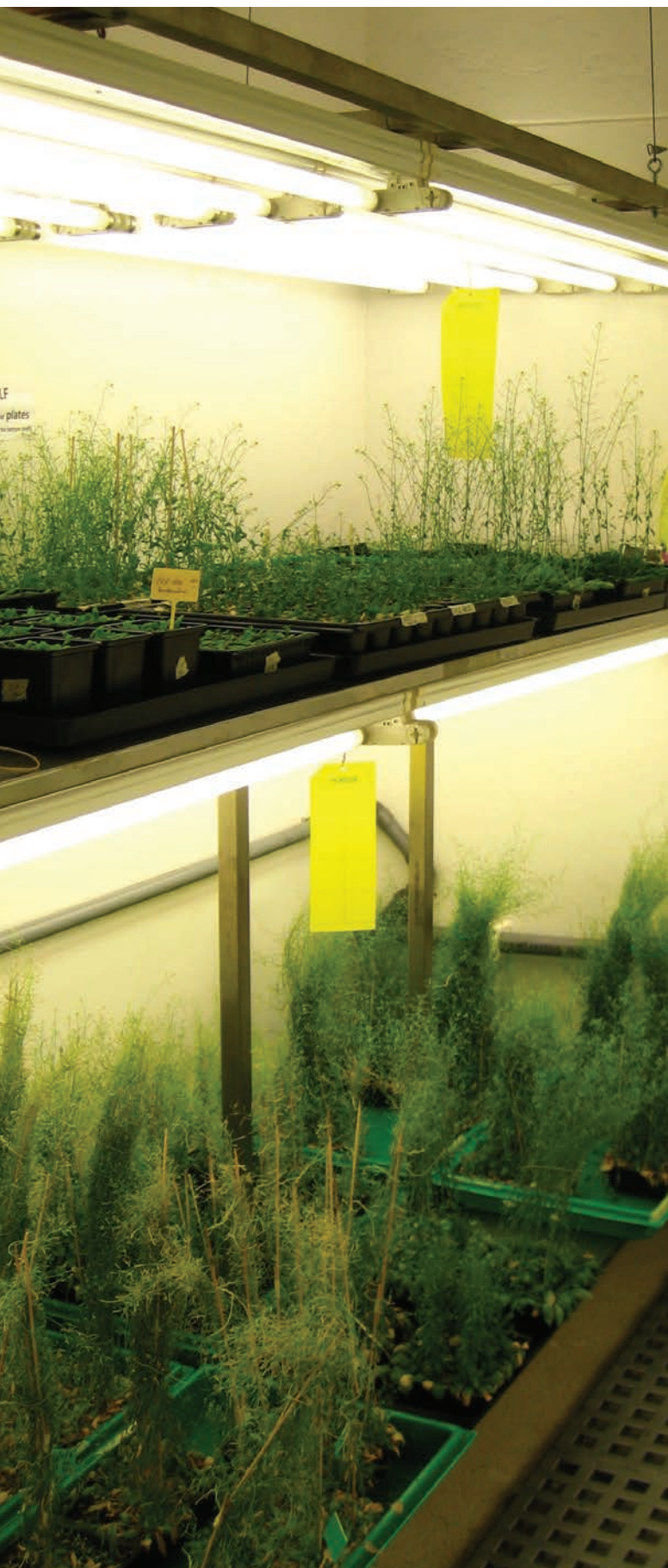
A EXPOSIÇÃO E O LIVRO GALÁPAGOS

A exposição Galápagos abriu este mês na Bluecoat Gallery, em Liverpool, e estará também na Fruitmarket Gallery, em Edimburgo, a partir de novembro. Em abril do próximo ano virá para o Centro de Arte Moderna, em Lisboa. A exposição



Marcus Coates, *Human Report*, still, 2008

é acompanhada por um livro publicado em inglês, português e espanhol, que apresenta uma seleção dos trabalhos de cada artista com comentários. Inclui também uma série de ensaios por: Bergit Arends e Greg Hilty, curadores da exposição, Siân Ede, vice-diretora da Delegação do Reino Unido da FCG, Richard Fortey, paleontologista e escritor científico e Fiona Shaw, atriz e realizadora. Figura também uma conversa entre Toni Darton, ex-diretora da Galapagos Conservation Trust e Felipe Cruz, nativo das Galápagos e diretor de Assistência Técnica da Fundação Charles Darwin. Mais informações: www.artistsvisitgalapagos.com ■



Investigação IGC **Novo transportador de fósforo em plantas**

Uma equipa do Instituto Gulbenkian de Ciência publicou resultados que abrem caminho a novas formas de manipulação de sistemas de transporte de fósforo em plantas, de modo a combater situações de stress ambiental e, potencialmente, aumentar a produção de culturas ameaçadas.

O fósforo é absolutamente essencial para as plantas, enquanto constituinte elementar de muitas moléculas vitais (como o ADN) e um interveniente crucial em múltiplas reações de transferência de energia. O acesso reduzido a fósforo induz *stress* ambiental em plantas, podendo levar a perdas significativas de culturas agrícolas. Porém, as plantas são incapazes de fabricar o seu próprio fósforo; obtêm-no sob a forma de fosfato inorgânico (Pi) na interface entre a raiz e o solo. Uma forma de maximizar a quantidade de fósforo na planta é, por conseguinte, aumentar a captura de Pi pela raiz.

A equipa liderada por Paula Duque, do Instituto Gulbenkian de Ciência, acaba de identificar um novo transportador de Pi nas células da raiz da pequena planta *Arabidopsis thaliana*, da família da mostarda. Os investigadores mostraram que o transportador atua num momento crítico para a planta – quando o Pi é pouco abundante no solo.

O primeiro passo no estudo foi mostrar que o transportador se localiza nas membranas das células da raiz – uma localização consistente com uma função na absorção de fosfato do solo. Seguiram-se várias outras experiências, através das quais a equipa dissecou onde e em que condições o transportador atua.

Isolaram dois mutantes de *Arabidopsis thaliana* incapazes de produzir o transportador e verificaram que ambos crescem igualmente bem em presença de níveis normais de Pi. Contudo, a situação altera-se quando o Pi escasseia: as plantas

jovens mutantes são mais pequenas, as suas raízes primárias são também mais pequenas, enquanto que as raízes secundárias se desenvolvem excessivamente – efeitos bem conhecidos em situações de privação de fósforo. Conseguiram reverter totalmente estes efeitos ao introduzir de novo o gene funcional do transportador na planta mutante, o que indica que é, de facto, a falta do transportador que a torna mais sensível a baixos níveis de Pi. Fizeram também a experiência contrária: forçaram plantas a produzir mais transportador do que em condições normais, e verificaram que se tornam mais tolerantes a baixos níveis de Pi, reforçando que o transportador atua nestas condições.

Em colaboração com o grupo de Isabel Sá-Correia, no Instituto Superior Técnico, recorreram a células de levadura, manipuladas para produzir o transportador vegetal, para provar que o transportador se associa quimicamente e com muita avidéz a Pi. Todos estes resultados permitem concluir, de forma inequívoca, que o transportador novo – chamado “Pht1;9” – medeia a captura de fosfato pela planta *Arabidopsis* quando este escasseia, sendo, por conseguinte, um alvo para a manipulação de culturas que possam estar ameaçadas por insuficiência de fósforo. ■

Portal IGC para professores

O Instituto Gulbenkian de Ciência lançou o portal **Genes et al.** sobre genes, células, sistemas e seres vivos. Genes et al. reúne recursos para a aprendizagem das Ciências da Vida, desenvolvidos pela equipa de Comunicação de Ciência do IGC. Destina-se a professores de todos os ciclos de ensino pré-universitário (básico e secundário), a educadores e comunicadores de ciência, e a todos os curiosos pelas Ciências da Vida.

Os objetivos do portal são informar, inspirar, estimular a curiosidade pela ciência e, sobretudo, o espírito crítico de quem visita este sítio em <http://genesetal.igc.pt>. ■

Encontro de jovens investigadores europeus

O IGC reforçou o seu lugar no panorama internacional como ponto de encontro de líderes científicos europeus. Desta feita, através da organização do encontro anual dos Young Investigators da Organização Europeia de Biologia Molecular (EMBO), em que participaram 60 investigadores, de 20 países.

Os Young Investigators são ‘excepcionais coordenadores de grupos de investigação’, selecionados entre os cientistas em início de carreira mais promissores da Europa. O encontro foi organizado por Mónica Dias (IGC) e Bruno Silva-Santos (Instituto de Medicina Molecular), os dois EMBO Young Investigators em Portugal (ao todo Portugal teve quatro Young Investigators, desde 2002). O encontro ficou marcado, segundo os organizadores, pela intensa e constante discussão e partilha de ideias entre os participantes para futuras colaborações em projetos de investigação em diversas áreas das Ciências da Vida. ■



Crianças e Jovens em Risco

Segunda fase do programa

No quadro do programa Crianças e Jovens em Risco, cuja primeira parte foi dedicada ao acompanhamento de famílias com crianças em risco por questões de negligência ou maus tratos (2008-2011), arranca agora uma nova fase dirigida a jovens em acolhimento institucional.

Esta iniciativa, da responsabilidade do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, terá uma duração de três anos (2012-2014) e financiará quatro projetos inovadores desenvolvidos por instituições que acolhem jovens entre os 12 e os 21 anos. Com este apoio, pretende-se que sejam experimentadas, no seio destas instituições, novas abordagens, que contribuam para melhorar as competências de socialização, cidadania e autonomia destes jovens.

A Oficina de S. José, em Braga, a Casa do Canto, em Leiria, o Lar Nossa Senhora de Fátima, em Reguengos de Monsaraz, e a Associação de Solidariedade Social Via Nova, em Vila Real, foram as quatro instituições selecionadas pelo júri, encabeçado pelo psiquiatra Daniel Sampaio, que será também o coordenador científico da iniciativa, à semelhança do que aconteceu na primeira fase do programa.

Cada uma destas instituições desenvolverá e testará novas e diferentes metodologias de intervenção, centrando-se essencialmente na promoção da autonomia dos envolvidos numa situação de pós-acolhimento, preparando-os ou para um regresso à família ou para as condições reais de vida quando já não existe essa possibilidade. No segundo caso, uma das componentes de intervenção passa pelos chamados “apartamentos de autonomia”, onde são alojados os jovens já em idade adulta, numa etapa intermédia antes da saída da instituição.

A Fundação Calouste Gulbenkian tem tido um percurso de relevo dentro da problemática das crianças e jovens em risco. A primeira incursão nesta área deu-se em 2004, com a criação de um gabinete de apoio a mães adolescentes na Maternidade Alfredo da Costa. O trabalho prosseguiu depois com o apoio à intervenção precoce junto de crianças até aos seis anos com atrasos de desenvolvimento e, mais tarde, com a formação parental, que possibilitou manter em casa, junto das suas famílias, crianças em vias de ser institucionalizadas. ■

Associação Orquestras Geração

Cinco anos depois da formação da primeira Orquestra Geração, no concelho da Amadora, as Fundações Gulbenkian, EDP e PT juntam-se para dar vida à Associação das Orquestras Geração, organismo que assegurará uma gestão profissionalizada e centralizada deste projeto. A iniciativa, inspirada no modelo das Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela, tem vindo a ganhar uma dimensão cada vez maior um pouco por todo o país, e envolve cerca de mil crianças e jovens num total de 16 orquestras, essencialmente de meios desfavorecidos.

Promover a integração social através da aprendizagem da música e de um instrumento musical tem sido a missão das Orquestras Geração. O sucesso dos resultados obtidos, não só ao nível do comportamento das crianças como também ao nível do envolvimento das suas famílias e da comunidade, confirmou a importância de continuar a contribuir para o crescimento desta iniciativa e levá-la ao maior número possível de alunos.

A Associação agora criada terá como principais funções angariar novos parceiros e fontes de financiamento, gerir os fundos existentes, delinear uma estratégia de consolidação e crescimento do projeto, contratar novos professores



e formadores, proceder à negociação de novos instrumentos musicais e, ainda, coordenar toda a logística que envolve as apresentações públicas e os estágios das orquestras formadas. O processo de criação deste novo organismo contou com o apoio e consultoria do Instituto de Empreendedorismo Social, do Ministério da Educação, da Área Metropolitana de Lisboa e da Associação de Amigos da Escola de Música do Conservatório Nacional. ■

Desmond Tutu em Lisboa

Um dos rostos mais conhecidos na luta pela Paz e pelos direitos humanos vai estar na Fundação Gulbenkian no dia **25 de junho**. Desmond Tutu encontra-se com Jorge Sampaio, Alto Representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, no palco do auditório 2 para uma conferência pública intitulada “Diálogos sobre a Paz e o Desenvolvimento Sustentável”. O encontro terá lugar às 18h30 e é de entrada livre.

Desmond Tutu, prémio Nobel da Paz em 1984, participará ainda na Reunião do Programa de Embaixadores Globais eHealth, a cujo Conselho preside. O objetivo do Programa de Embaixadores Globais eHealth é promover o potencial das tecnologias de informação e comunicação no fortalecimento

dos sistemas de saúde, em particular nos países em desenvolvimento. O Programa foi lançado em novembro de 2011, no Rio de Janeiro, onde foi apresentado o Conselho de Embaixadores, constituído por: Fernando Henrique Cardoso, antigo Presidente do Brasil; Emilio Rui Vilar, administrador não executivo da Fundação Gulbenkian; Lord Crisp, antigo diretor-geral do Serviço Nacional de Saúde britânico; Peter Gabriel, ativista de direitos humanos e músico; e Strive Masiyiwa, fundador e presidente do Econet Wireless, em África. A Reunião do Programa de Embaixadores Globais eHealth, que decorre na Fundação Gulbenkian no dia 25 de junho, contará ainda com a participação do ministro da Saúde, Paulo Macedo. ■

Reunião da Plataforma para a Saúde Mental

O Conselho Consultivo da Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global vai estar reunido, pela primeira vez, a 28 de junho, em Lisboa. Em discussão estará a abordagem que os grupos de investigação criados pela OMS, no âmbito desta Plataforma, deverão adotar com vista à elaboração de um relatório anual. Entre os temas a tratar conta-se a relação entre as perturbações comuns do foro mental, neurológico e por abuso de estupefacientes e as doenças não comunicáveis, mas também a inovação na prestação de cuidados de saúde mental e os direitos humanos de pessoas com deficiência mental.

A Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global foi lançada em 2011 na sequência de outras iniciativas da Fundação, como o Fórum *Mind Faces* (na imagem), e reúne especialistas em Saúde Mental de vários países. Tem como parceiros fundamentais a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e a Organização Mundial de Saúde. Benedetto Saraceno, que preside à Global Initiative on Psychiatry, é o coordenador científico. O Conselho de Diretores da Plataforma é composto ainda por José Miguel Caldas de Almeida (FCM-UNL), Jorge Soares (FCG) e Sérgio Gulbenkian (FCG). Do Conselho Consultivo fazem parte: Paulo Gadelha (Instituto Fiocruz, Brasil); Mirta Roses (Pan American Health Organization, EUA); Arthur Kleinman (University of Harvard, EUA); Sir Michael Gideon Marmot (University College London, Reino Unido); P. Satishchandra (National Institute of Mental Health & Neurosciences, Índia); Tazeen Jafar (Aga Khan University, Paquistão); Marian Jacobs (Cape Town University, África do Sul); e Shekhar Saxena, observador (Organização Mundial de Saúde, Suíça). ■



Day 12 © Bobby Baker 2008

A mais bela forma de arte



© Ana & Tânia Tomás

*Luís Gomes | 25 anos | Música/Ópera**

QUANDO DECIDIU QUE QUERIA SER CANTOR DE ÓPERA?

Aos 11 anos decidi que queria fazer da música a minha profissão. No entanto, a ideia de ser cantor de ópera aconteceu mais tarde. Música erudita e ópera, em particular, nunca se fizeram ouvir muito em minha casa. Foi o professor João Paulo Reya, pessoa com a qual ainda hoje mantenho uma relação muito próxima, que me incutiu o gosto por aquela que considero ser a mais bela forma de arte. Estou-lhe muito grato pelo seu contínuo apoio e por me fazer crer que o sonho de fazer carreira em ópera era possível. Este sonho foi-se tornando realidade gradualmente: numa fase inicial com a minha formação no Conservatório Nacional e, em seguida, com a passagem muito bem sucedida pela Guildhall School com todas as fantásticas oportunidades que daí advieram.

O QUE O LEVOU A OPTAR PELA GUILDHALL SCHOOL?

Houve uma altura na minha vida em que percebi que a formação em canto em Portugal tinha as suas limitações e que, para ser melhor, teria de procurar outro tipo de desafios. Sempre considerei estudar no estrangeiro. Londres ou Nova Iorque eram as minhas preferências. Depois de estabelecer

alguns contactos e obter mais informações junto de profissionais e colegas da área, optei por Londres. Desde o momento da minha audição para a Guildhall School, em dezembro de 2007, que me sinto muito apoiado por toda a gente. É um privilégio poder estar numa das escolas de música mais reputadas do mundo, estou por isso muito feliz por ter feito essa escolha.

ENTRETANTO ESTÁ A TERMINAR O MESTRADO COM ESPECIALIZAÇÃO EM ÓPERA NA MESMA ESCOLA. O QUE NOS CONTA DA EXPERIÊNCIA?

O curso de Ópera da Guildhall é um dos mais conceituados do mundo e isso diz tudo. Foi uma experiência fantástica, trabalhei com músicos de renome internacional que, de outra forma, nunca teria tido oportunidade de conhecer e, com todo o meu trabalho e empenho, consegui afirmar-me enquanto artista. Este curso não só me deu reputação no mundo operático, especialmente no Reino Unido, como me deu uma formação excecional. Sei aquilo que consigo e não consigo fazer e o que tenho a melhorar. Posso considerar-me um cantor de ópera com soluções que me podem permitir alcançar sucesso no futuro.



QUER DESTACAR ALGUMA ATUAÇÃO REALIZADA DURANTE O MESTRADO?

Acho que todas as atuações que fizemos foram especiais, mas com certeza que destacaria *A Midsummer Night's Dream* no Barbican Theatre, não só por termos usado um teatro como o do Barbican, mas também por ter sido provavelmente a maior produção de sempre da Guildhall.

E O QUE PREPARA ATUALMENTE?

Neste momento estou a preparar a estreia europeia da ópera *Our Town*, de Ned Rorem. Vou ter oportunidade de trabalhar com a famosa soprano Angela Gheorgiu e o tenor Dennis O'Neill na Academia Georg Solti em Itália, durante o verão. Em setembro interpretarei o tenor principal em *The Bartered Bride*, de Smetana, numa produção da British Youth Opera, e começo uma nova fase de formação no National Opera Studio em Londres, que me dará a oportunidade de privar com pessoas dos maiores teatros de ópera do Reino Unido. Em dezembro, volto a Portugal para fazer três concertos com o Coro e Orquestra Gulbenkian.

COMO É A VIDA EM LONDRES?

Viver em Londres é fantástico. É uma cidade acolhedora, multicultural e extremamente desenvolvida. Estou no centro cultural do mundo, por aqui passam os melhores de todas as atividades. O acesso à arte e à música é constante, existe tanta oferta que por vezes é difícil escolher. É uma cidade que contribui imenso para o desenvolvimento cultural e intelectual do indivíduo. Poder ver ao vivo o trabalho dos melhores do mundo em estruturas altamente profissionais com produções de topo, aqui ao lado, é um balão de conhecimento que se pode agarrar ao abrir a janela. Royal Opera House, English National Opera, London Symphony Orchestra, London Philharmonic, BBC, artistas nacionais e convidados de todo o mundo, todos passam por aqui. É incrível! Se se tolerar o céu escuro a maior parte do ano e o *stress* dos transportes, é o local ideal para apreender o presente numa perspetiva de futuro. ■

Bolseiro da Fundação Gulbenkian na Guildhall School of Music and Drama, Londres



Memórias Animadas

Por **Fernando Galrito** | Professor, realizador, diretor artístico do Festival de Animação de Lisboa – MONSTRA

O Cinema de Animação “entrou” em 1984 na Fundação Calouste Gulbenkian pela mão da visionária Madalena Perdigão, tendo-se mantido de forma regular até 2005. Durante boa parte desse período, foi o único centro de formação e experimentação de imagem animada em Portugal. Durante cerca de 18 anos tive o gosto de ser um dos formadores e coordenador desse Centro de Imagem e Técnicas Narrativas [Citen], ainda hoje marcante na criação de metodologia, pensamento e diálogo em torno das artes da imagem em movimento, da ilustração e da banda desenhada.

Extinto o Citen, o “vazio” da animação na Fundação Calouste Gulbenkian foi sendo colmatado pela criação de pequenas ações, oficinas e *masterclasses* em colaboração com os diferentes serviços.

Há três anos iniciámos uma parceria com o programa DESCOBRIR assente em dois vetores: a realização anual, durante o Festival de Animação de Lisboa – MONSTRA, de um conjunto de sessões de filmes de animação, com um programa específico e um tema exclusivo; a formação anual dirigida a turmas do secundário (especialmente das áreas de artes). Para esta formação, idealizámos uma oficina dividida em dois momentos: o primeiro dedicado ao conhecimento das bases e regras da animação; e o segundo preenchido pela descoberta, com o apoio de um especialista, de uma obra de arte das coleções da Fundação. A posterior exploração da peça, do ponto de vista dramaturgico e de movimento, permite encontrar memórias escondidas que vão servir de mote à realização de um filme de animação pela turma. *Memórias Animadas* é o título desta formação, que em 2012 conhece a sua terceira edição.

Enquanto membro da Associação Internacional do Filme de Animação – ASIFA e do seu Grupo Internacional de Formação – AWG (Animation Workshop Group), fui convidado, a par de outros colegas, a propor uma temática de trabalho para os ateliês internacionais que se realizam anualmente em cerca de meia centena de países em todos os continentes. A proposta por mim apresentada, *Memórias Animadas*, foi a mais votada pela maioria dos membros. Assim, em 2012-2013 o projeto oficial de formação da maior associação de cinema de animação do mundo será a mesma que utilizamos na Fundação Calouste Gulbenkian. A proposta tem como aspeto relevante o facto de utilizar obras de arte de cada país como tema motivador e unificador de jovens de todos os continentes. O filme final, unindo as diferentes obras realizadas pelo mundo, será montado em Lisboa e apresentado em estreia mundial na próxima edição do Festival de Animação de Lisboa – MONSTRA.

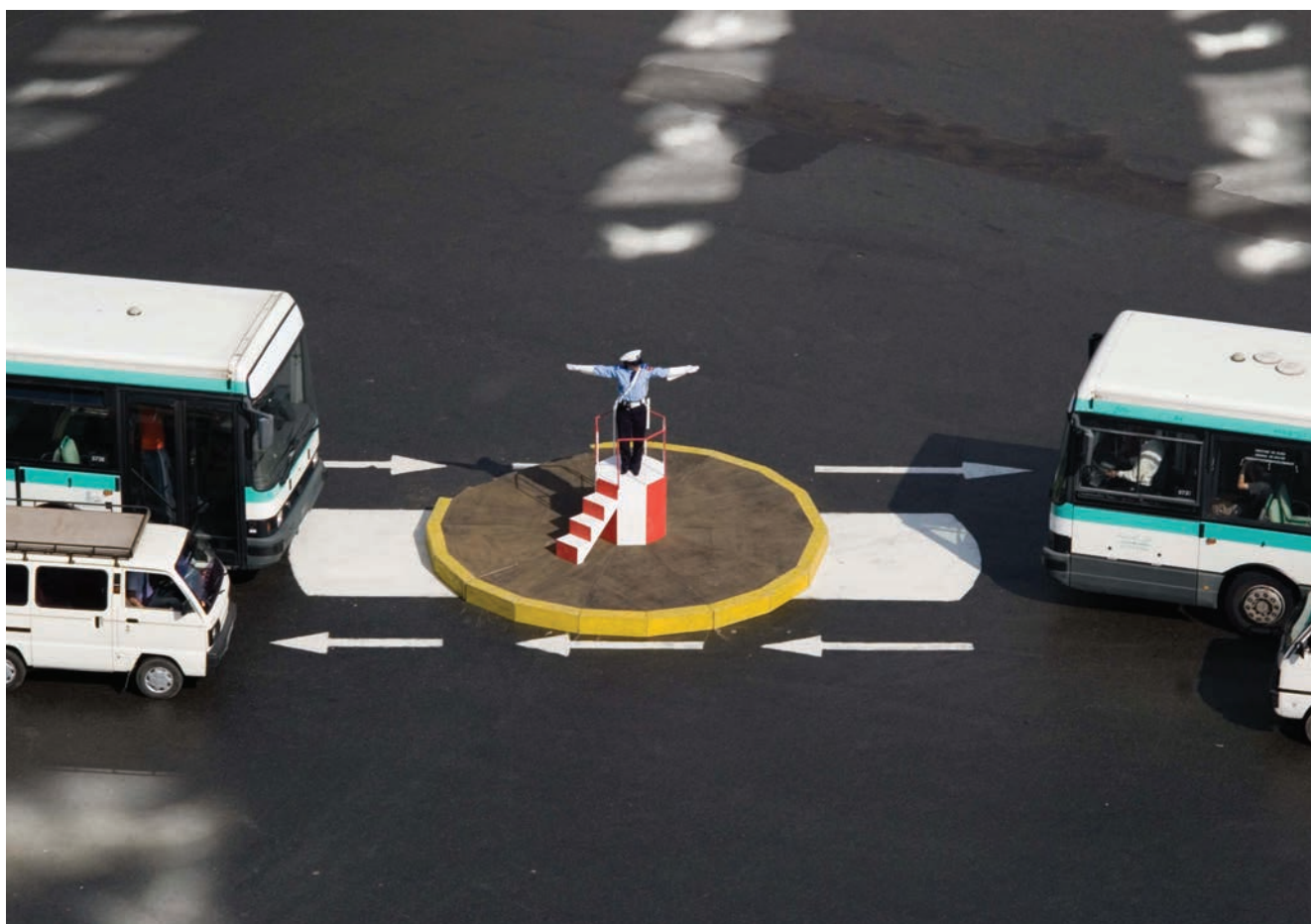
Este ano o Festival MONSTRA, através dos seus ateliês infantojuvenis MONSTRINHA, foi convidado a propor os membros do júri infantil e juvenil do maior festival de animação do mundo, o Festival de Annecy (França). É natural que os membros deste júri sejam jovens com hábitos e conhecimento na área da animação. Para além de dois participantes no júri infantil, também eles oriundos das oficinas MONSTRINHA, os dois participantes portugueses no júri juvenil, que irá eleger a melhor animação na categoria filme de fim de estudos, será composto pelo Miguel Rolim e pela Joana Marques, ambos de 16 anos e participantes na última edição das *Memórias Animadas*. Esta presença contará com o patrocínio do programa DESCOBRIR.

Parabéns, a Animação está de volta à Fundação Calouste Gulbenkian. ■



Arte Vida, Antoni Muntadas, 1974

em junho



What a wonderful world, filme de Faouzi Bensaidi (Marrocos, 2006)

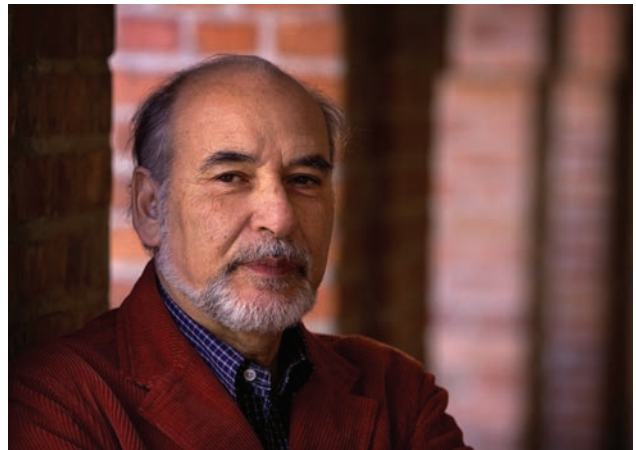
A Primavera Árabe no Próximo المستقبل Futuro القريب

A Primavera Árabe e os criadores do Norte de África vão estar em foco na programação que o Próximo Futuro preparou para este verão: conferências e mesas-redondas na Festa da Literatura e do Pensamento do Norte de África, noites temáticas no ciclo de cinema ao ar livre e, claro, muita música. Mas nesta edição também está de regresso à Fundação o melhor do teatro sul-americano e as instalações no jardim. O Próximo Futuro chega a 22 de junho.



Mollement, un samedi matin, filme de Sofia Djama (Argélia, 2011)

Tudo começou na Tunísia, reza a História, com um vendedor de fruta que, no dia 17 de dezembro de 2010, num ato de desespero e protesto contra as humilhações policiais, se imolou na praça pública. A vaga de manifestações e revoluções pró-democracia que se propagou desde então no mundo árabe, e que já provocou a queda de alguns governos – Tunísia, Egito, Líbia e Iémen –, ficou conhecida como “Primavera Árabe”. E o Programa Gulbenkian Próximo Futuro, que desde 2009 se dedica também à dimensão cultural e artística do continente africano, não poderia ficar alheio a este fenómeno que se desenvolveu em grande parte no Norte de África. “Nós, que vivemos este tempo, somos testemunhas privilegiadas e devemos estar atentos ao que se passa, ouvindo, lendo, estudando, conversando com os interlocutores fundamentais deste processo”, diz António Pinto Ribeiro, programador-geral do Próximo Futuro. Estes interlocutores podem ser os pensadores, criadores, curadores e artistas que vivem nesta região, ou que fazem parte da diáspora. Para melhor os conhecermos e “para melhor nos entendermos”, é com eles que iremos fazer a **Festa da Literatura e do Pensamento do Norte de África (22 a 24 de junho)**. Em pleno jardim, ao longo de cinco sessões, vamos poder conversar com alguns *bloggers* da Tunísia, Egito, Líbia e Marrocos, que darão o seu testemunho



Tahar Ben Jelloun

sobre o papel das redes sociais nas revoluções deste país, mas vamos também poder ouvir o que pensa da Primavera Árabe o escritor marroquino **Tahar Ben Jelloun**, residente em França desde os anos 70 e vencedor do Prémio Goncourt em 1987. Outros pensadores fundamentais desta região geográfica, e essencialmente desconhecidos entre nós, como **Fethi Benslama** (Tunísia), **Wassyla Tamzali** (Argélia) e **Samy Ghorbal** (França), também vão marcar presença nestes encontros.



Mascarades, filme de Lyes Salem (França/Argélia, 2008)

Mas a festa faz-se também com música. **Emel Mathlouthi**, “a voz da Primavera Tunisina”, vai dar o primeiro concerto desta programação. Compositora e poeta, nascida em 1982, as suas canções de protesto evocam Joan Baez, mas também a diva libanesa Fairouz. A Revolução inspirou o seu primeiro álbum, lançado no início deste ano e que irá apresentar em Lisboa, no dia **22 de junho**. Da Tunísia, chega-nos também a sonoridade dos **Med Fusion Orchester**, a **7 de julho**. Esta orquestra de músicos formados pelo Instituto Superior de Música de Sfax (Tunísia) contagia o público com os seus ritmos vibrantes, numa mistura perfeita entre instrumentos tradicionais magrebinos e instrumentos modernos. O seu repertório fala de temas sociais e políticos – ou não fosse *Parfum de Jasmin* [Perfume de Jasmim] o título do mais recente álbum dos Med Fusion.

A CINEMATECA DO PRÓXIMO FUTURO: NOITES TEMÁTICAS

As noites de cinema ao ar livre, que o Próximo Futuro tem vindo a promover nos últimos anos, não faltarão também nesta edição, especialmente dedicada aos cineastas do Norte de África. Para organizar o ciclo de cinema árabe, foi convidado o curador Mohamed Siam, que elaborou um programa com base no conceito de transformação, selecionando longas-metragens, curtas e documentários. Teremos a **Noite Egípcia** (26 de junho), a **Noite Marroquina** (27 junho), a **Noite Tunisina** (3 de julho) e a **Noite Argelina** (4 de julho),

mas também sessões com temas sugestivos como **A vida em imagens** (28 de junho) ou **Crescer – Uma Infância Dolorosa** (5 de julho).

A fechar esta edição da Cinemateca do Próximo Futuro, será apresentada uma sessão especial dedicada ao filme **Nostalgia da Luz**, que o realizador chileno Patricio Guzmán rodou entre 2005 e 2010 no Deserto do Atacama. Sob um céu que se espera estrelado na noite do dia **6 de julho**, esta é uma oportunidade imperdível para rever um filme que é simultaneamente uma meditação sobre a Astronomia, a Arqueologia e a Geologia, mas também sobre os direitos humanos.

TEATRO COM FÔLEGO

Também da América do Sul, chegam-nos os trabalhos de duas criadoras da mesma geração. Por um lado, Elisa Zulueta (n. 1981) apresenta a peça **Gladys** (30 de junho e 1 de julho), estreada no ano passado no Teatro del Puente, em Santiago do Chile. Sobre este trabalho diz a atriz, dramaturga e realizadora chilena Elisa Zulueta que “pretende voltar ao mais alto realismo, sem sensacionalismos cénicos, mas com as palavras e as ferramentas do ator, de volta para a verdade da vida real, dando ao público uma obra em que este se reveja, com a qual se emocione e possa refletir”. Já a escritora argentina Lola Arias (n. 1976), que é também encenadora, atriz e cantora, apresenta **El Año en que nació** (7 e 8 de julho), que resulta de um *workshop* realizado no



Gladys, peça de Elisa Zulueta (Chile)

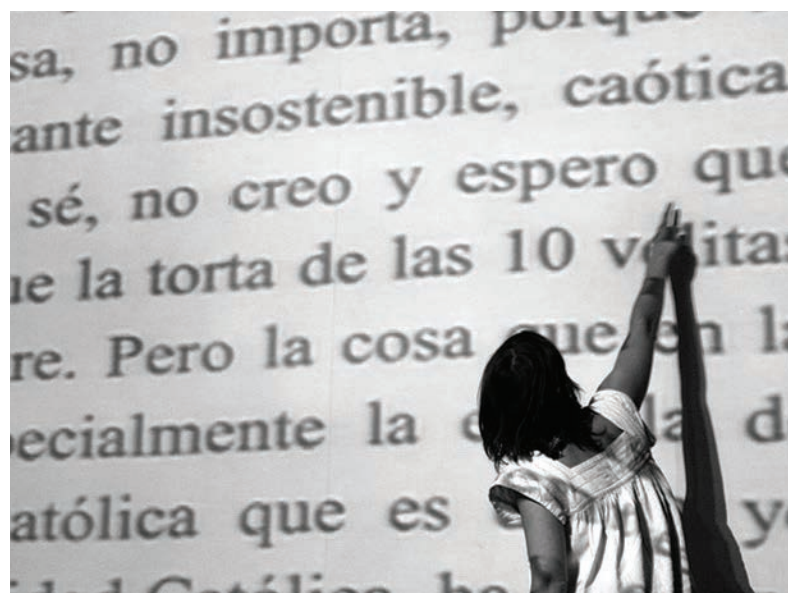
festival Santiago a Mil (Chile), em que um grupo de jovens reconstruiu a história das gerações nascidas durante a ditadura de Pinochet, a partir de suas próprias memórias e documentos.

Entretanto, no Jardim, o Teatro Praga (Portugal) vai apresentar **Contos de Reis**. “Basta um cartaz, um tapete ou um turbante, o cenário faz-se com pouco, mas todos podem entrar dentro da história, dizer as palavras mágicas e ser Ali Babá, o Aladim ou o Príncipe Brillhante.” Trata-se de um jogo de descoberta e representação que aproxima as histórias de quem as ouve, transformando os espetadores em contadores.

Mas uma das propostas mais arrojadas desta programação do Próximo Futuro será **Breath**, provavelmente a peça de teatro mais curta alguma vez escrita. Nela estão contidos todos os códigos teatrais (palco, plateia, etc.), embora não tenha texto nem atores. Samuel Beckett é o autor desta micropieza, a partir da qual a cenógrafa, encenadora, argumentista e realizadora brasileira Daniela Thomas construiu a peça-instalação *Breath*, já apresentada na Bienal do Mercosul, em 2009, e na Bienal de Lyon de 2011, e que agora ocupará o Grande Auditório entre 22 de junho e 1 de julho.

MAIS MÚSICA

Nesta edição do Próximo Futuro, será ainda apresentado o projeto **Inuksuit**, uma obra musical para percussão de John



El año en que nací, peça de Lola Arias (Chile/Argentina)

Luther Adams, inédita em Portugal. Os músicos do coletivo de Pedro Carneiro estarão dispersos num espaço amplo, o do Jardim Gulbenkian, para interpretar esta obra inspirada nas figuras de pedra construídas pelo povo Inuit, do Alasca. Os músicos e o público movimentar-se-ão livremente, descobrindo e vivendo a sua própria interpretação da obra. Por todo o jardim, os percussionistas vão respirar através de megafones, trompetes, cones de papel, búzios, sirenes,



Filipe Branquinho, "Ocupações" (Moçambique, 2011)

usando máquinas de vento e outros objetos sonoros. Uma experiência a não perder, dia **1 de julho**.

Por fim, caberá ao músico **Kimi Djabaté** (Guiné-Bissau), que atualmente vive em Lisboa, encerrar o ciclo de espetáculos deste verão do Próximo Futuro, com um concerto ao ar livre, no dia **8 de julho**.

Ocupações no Jardim

Como vem sendo habitual, o Jardim Gulbenkian oferece várias surpresas a partir de 22 de junho: até ao final de setembro, podemos contar com instalações fotográficas de dois artistas moçambicanos, Camila de Sousa e Filipe Branquinho. Na série *3x4*, Camila de Sousa apresenta imagens que resultam de uma imersão em dois estabelecimentos prisionais de mulheres em Maputo, onde o corpo feminino, apesar de marcado pela lógica da violência patriarcal, não deixa de ser sensual e de ter o seu próprio movimento. Filipe Branquinho, por seu lado, apresenta um conjunto de retratos intitulado *Ocupações* que capta o ambiente de várias cidades moçambicanas através da arquitetura, da paisagem e dos seus ocupantes. Ambos os projetos fizeram parte da mostra de arte contemporânea moçambicana *Ocupações Temporárias* que, entre setembro e outubro de 2011, ocupou vários espaços da cidade de Maputo.

Este verão, também não faltará no Jardim um passeio de sombra para os seus visitantes: o "Passadiço" é uma estrutura concebida pelo artista brasileiro Marcelo Jácome, que vive e trabalha no Rio de Janeiro. Arquiteto e urbanista de formação, o papel é o material por excelência que utiliza nas suas intervenções, e que aqui resulta numa instalação cheia de cor. Para aproveitar durante todo o verão. ■



Chelpa Ferro (Brasil)

Parceria com o Teatro do Bairro

Este verão, o Próximo Futuro chega também ao Teatro do Bairro (em Lisboa), onde vão ser apresentados dois espetáculos no âmbito desta programação.

A **29 de junho**, sobe ao palco o coletivo **Chelpa Ferro** (Brasil) para um concerto inédito com o português **Pedro Tudela**. Com os artistas plásticos Luiz Zerbini e Sérgio Mekler, Barrão – que há dois anos apresentou na Fundação Gulbenkian uma exposição experimental de cerâmica – formou em 1995 os Chelpa Ferro. O projeto tem vindo a afirmar-se no cenário da música contemporânea brasileira com um trabalho que combina experiências com instrumentos musicais tradicionais aliados a recursos eletrónicos, esculturas e instalações tecnológicas. No Teatro do Bairro, Pedro Tudela e os Chelpa Ferro farão uma performance de improviso, com uma elaborada textura sonora composta por ruídos, guitarras, baterias eletrónicas, *samplers*, baixo e efeitos digitais, envolvendo o público num ambiente de experimentação auditiva e potencialização sensorial.

De **4 a 6 de julho**, também do Brasil, entra em cena a Cia. dos Atores para apresentar a peça **Bait Man**. O espetáculo resulta do encontro entre duas gerações de criadores, que desenvolvem trabalhos fortemente autorais dentro das suas próprias companhias: Gerald Thomas (London Dry Opera Co.) e Marcelo Olinto (Cia. dos Atores). Gerald Thomas, encenador e dramaturgo, é conhecido pela radicalidade dos seus trabalhos e pelas suas colaborações com Samuel Beckett ou Heiner Müller. A sua peça *Bait Man*, interpretada por Marcelo Olinto, é uma subtil e profunda análise do homem contemporâneo, num jogo que mistura realidade e ficção, humor e tensão, convidando o espetador a embarcar numa viagem que envolve todos os sentidos. ■

ENCONTROS | MESAS-REDONDAS | CONFERÊNCIAS

FESTA DA LITERATURA E DO PENSAMENTO DO NORTE DE ÁFRICA

22, 23 e 24 de junho, Jardim

MÚSICA

EMEL MATHLOUTHI (TUNÍSIA)

22 de junho, 22h, Anfiteatro ao Ar Livre

PROJETO INUKSUIT, DE PEDRO CARNEIRO (PORTUGAL/EUA)

1 de julho, 19h, Jardim

MED FUSION ORCHESTER (TUNÍSIA)

7 de julho, 19h, Anfiteatro ao Ar Livre

KIMI DJABATÉ (GUINÉ-BISSAU)

8 de julho, 19h, Anfiteatro ao Ar Livre

CINEMA

no Anfiteatro ao Ar Livre

NOITE EGÍPCIA / 26 DE JUNHO, 22H

Youssef Chahine – Alexandria, Why?
Ousama Fawzi – Fallen Angels' Paradise
Emad Maher – Atef
Omar Zohairy – Zafir

NOITE MARROQUINA / 27 DE JUNHO, 22H

Leïla Kilani – Sur la planche
Faouzi Bensaidi – La falaise
Faouzi Bensaidi – Le mur

A VIDA EM IMAGENS / 28 DE JUNHO, 22H

Faouzi Bensaidi – What a Wonderful World (Marrocos)
Islam El-Azzazi – Day and Night (Egito)
Sherif El-Bendary – At Day's End (Egito)

NOITE TUNISINA / 3 DE JULHO, 22H

Jilani Saadi – Khorma, Child of the Graveyard
Oubeyd-Allah Ayari – La complainte du poisson rouge
Amine Chiboub – Why Me

NOITE ARGELINA / 4 DE JULHO, 22H

Lyes Salem – Mascarades
Sofia Djama – Mollement, un samedi matin
Amine Hattou – Les pieds sur terre

CRESCER - UMA INFÂNCIA DOLOROSA / 5 DE JULHO, 22H

Ahmed El Maânouni – Les coeur brulés (Marrocos)
Tahani Rached – El-Banate Dol – These Girls (Egito)



Emel Mathlouthi



Mascarades, filme de Lyes Salem (França/Argélia, 2008)

SESSÃO ESPECIAL / 6 DE JULHO, 22H

Patricio Guzmán – Nostalgia de la Luz (Chile)

TEATRO

BREATH, DE DANIELA THOMAS (BRASIL)

22 de junho a 1 de julho

Peça-instalação, Grande Auditório

CONTOS DE REIS, TEATRO PRAGA (PORTUGAL)

29 e 30 de junho e 1, 7 e 8 de julho, vários horários,
Tenda no Jardim

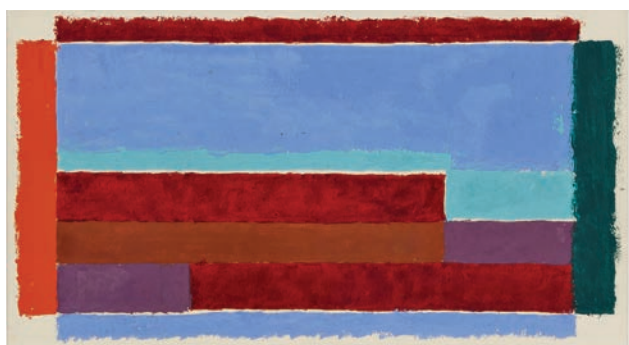
GLADYS (CHILE)

30 de junho e 1 de julho, 22h, Anfiteatro ao Ar Livre

EL AÑO EN QUE NACÍ (ARGENTINA/CHILE)

7 e 8 de julho, 22h, Grande Auditório

www.proximofuturo.gulbenkian.pt



Josef Albers na América

Pintura sobre papel

Oitenta estudos a óleo sobre papel realizados por Josef Albers durante o período em que viveu na América, muitos deles inéditos ou raramente vistos, continuam expostos no CAM até dia **1 de julho**.

Trata-se da primeira apresentação em Portugal da obra deste artista americano nascido na Alemanha e que se tornou uma referência da história e da teoria da arte do século XX, sobretudo a partir da pesquisa cromática que realizou na sua famosa série Homenagens ao Quadrado. A mostra inclui 55 estudos para essa série, trabalhada entre 1950 e 1976, na qual intensificou ao máximo o efeito espacial da cor.

Organizada pelo Staatlich Graphische Sammlung de Munique e pelo Josef Albers Museum Quadrat, em colaboração com a The Josef and Anni Albers Foundation, nos Estados Unidos, a mostra veio do Centro Pompidou, onde foi considerada uma das mais significativas exposições de 2012 pela revista *Beaux Arts*, seguindo, no mês de julho, para a Morgan Library & Museum, em Nova Iorque. São curadores Heinz Liebsbrock e Michael Semff. ■



Antoni Muntadas

Entre/Between

Vinda do Centro Reina Sofia, em Madrid, o CAM recebe até **2 de setembro** uma retrospectiva do artista catalão Antoni Muntadas, vencedor do Prémio Velázquez de Arte Plásticas 2009 e um dos pioneiros na reflexão sobre arte e *media*.

Incidindo nos trabalhos realizados na década de 70, *Entre/Between*, dá conta do início do percurso artístico de Muntadas, revelando uma série de obras desconhecidas entre nós e que são portadoras de uma vitalidade conceptual e criativa assinalável.

O trabalho de Muntadas denuncia as hierarquias do mundo da arte, numa reflexão sobre a institucionalização dos museus e a política e o negócio da arte, desconstruindo os recursos que se utilizam tradicionalmente para enquadrar e expor. A instalação *Exhibition*, raramente mostrada e que vai ocupar por inteiro uma das galerias do CAM, representa um exemplo dessa denúncia.

A curadoria é de Daina Augaitis, curadora principal da Vancouver Art Gallery. ■

Outras exposições

ATÉ 1 DE JULHO

ROUBAR COM OS OLHOS
JOSEF ALBERS E A COLEÇÃO DO CAM
Curadoria: Ana Vasconcelos
CAM

ATÉ 26 DE AGOSTO

ENTRE ESPAÇOS
COLEÇÃO DO CAM 1968-2011
Curadoria: Isabel Carlos, Patricia Rosas e Rita Fabiana
CAM

ATÉ 2 DE SETEMBRO

JORGE VARANDA
PEQUENO-ALMOÇO SOBRE CARTOLINA
Curadoria: Lígia Afonso
CAM

A Teoria do Caos: de Homer Simpson ao Futuro do Planeta

Maria Paula Serra de Oliveira, professora catedrática do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, será a próxima oradora do ciclo Matemática: a Ciência da Natureza, no dia 6 de junho, às 18h. *A Teoria do Caos: de Homer Simpson ao Futuro do Planeta* quer clarificar e explicar o conceito matemático de “caos”, que a ouvidos leigos soa a desordem ou aleatoriedade, mas cuja teoria pode na verdade ajudar a prever aquilo que à partida parece imprevisível. Para além das suas aplicações mais comuns e conhecidas, como o estudo de fenómenos meteorológicos ou da evolução dos mercados financeiros, a Teoria do Caos começa agora a ser vista pela comunidade científica como tendo potencial para responder a questões que desde sempre inquietaram a humanidade, relacionadas com o início do

universo, as nossas origens ou o futuro do planeta. Embora a complexidade desta teoria possa ser intimidante, a iniciação à mesma está longe de exigir conhecimentos aprofundados, de tal forma que até Homer Simpson, o obtuso patriarca de uma das mais famosas famílias do mundo, está convocado para esta conferência.

Maria Paula Serra de Oliveira fez a sua formação na Universidade de Coimbra e na Université Pierre et Marie Curie em Paris e tem vindo a distinguir-se pelas suas contribuições inovadoras no âmbito da modelação e simulação numérica de fenómenos físicos e biológicos. Cabe-lhe descodificar a Teoria do Caos nesta conferência de entrada livre na qual, como o título indica, o rigor científico não dispensará o humor. ■

A alimentação e os desafios da economia

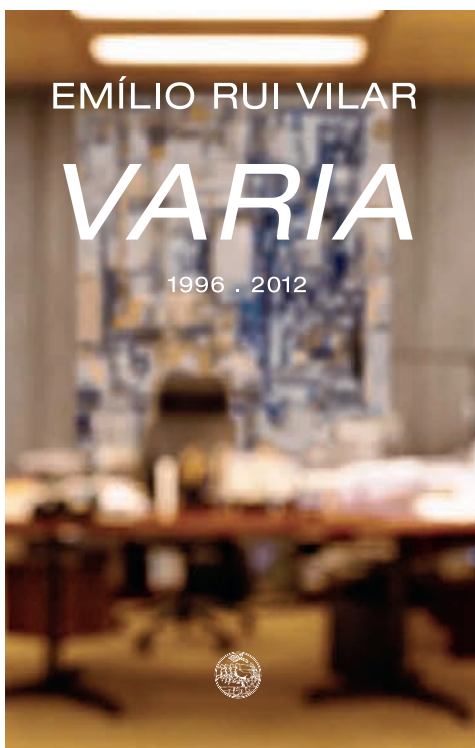
No dia 14 de junho, a quarta conferência do ciclo sobre o Futuro da Alimentação será dedicada às relações com a economia. Tendo como pano de fundo o atual contexto de crise económica, serão abordadas questões recorrentes como a elevada dependência do nosso consumo alimentar face ao exterior (importações); a baixa taxa de cobertura das importações por exportações, no setor alimentar, a qual contribui significativamente para o saldo negativo da nossa balança comercial; e ainda a mudança nos padrões de consumo alimentar que parece estar a esboçar-se com a atual quebra de rendimento dos portugueses.

Francisco Avillez e Filomena Duarte apresentarão, no Auditório 2 a partir das 17h30, as suas análises sobre “Autossuficiência alimentar: mitos e realidades” e “Consumo alimentar: um regresso ao passado?”, numa sessão presidida por Armando Sevinate Pinto.

CASOS DE SUCESSO NA ÁREA ALIMENTAR

Neste mesmo dia, a partir das 14h30, realiza-se o *workshop* sobre empreendedorismo na área da produção e distribuição alimentar, coordenado por Luís Mira da Silva (Inovisa). Que oportunidades se criam em contexto de crise? Qual o caminho a seguir quando a economia nos dá sinais de que a mudança é necessária? Luís Mira da Silva considera que “na próxima década vamos assistir a grandes mudanças” e que, apesar das que vivemos nos últimos anos, estas vão ser “mais céleres e terão maior impacto” do que as que passaram. O coordenador do *workshop* fala de transformações estruturais que “vão mudar radicalmente o mundo empresarial”.

Para mostrar que, se olharmos de forma diferente para os problemas, podem surgir oportunidades geradoras de novos negócios, este encontro terá a participação de quatro empreendedores que tiveram a coragem de inovar e criar, apesar do contexto, e que falarão das suas experiências. Georgina Campos (Nutrir), Ângelo Rocha (Miosótis), Jorge Periquito (Frubaça) e João Paulo Crespo (Fertiprado) vão falar dos seus projetos, dificuldades e iniciativas para as superar. A entrada para este encontro é livre. ■



No livro que assinala o termo do seu mandato como presidente da Fundação Gulbenkian, Emílio Rui Vilar reúne textos por si produzidos durante os 16 anos da sua ligação à Fundação, apresentando-o como um “ato de prestação de contas”. Esta edição corresponde a uma seleção de discursos, conferências, entrevistas e prefácios, entre outras intervenções e depoimentos, e está organizada tematicamente em setores como a cultura, a gestão e a sociedade, demonstrando desde logo pela sua estrutura como o agora administrador não executivo se distinguiu em tantas áreas e disciplinas, desde a banca às artes, passando pela política e pela filantropia.

À Fundação a que presidiu durante dez anos, Emílio Rui Vilar dedica longas páginas, que incluem momentos como a sua primeira intervenção como presidente ou o discurso da sessão solene comemorativa do cinquentenário, e nas quais se torna clara a política de “gerir com prudência e agir com audácia” que procurou aplicar, salvaguardando o património que assegura a perenidade da Fundação sem, no entanto, permitir que esta se deixe ultrapassar pela conjuntura de mudança que marcou o seu consulado. *Varia* está, porém, longe de se esgotar na atividade de Vilar enquanto presidente desta instituição, sendo antes um

balanço da multifacetada atividade do seu autor nos últimos anos.

O conteúdo de *Varia*, como o título do volume aliás indica, é tão eclético e rico como o percurso profissional de Rui Vilar faria prever. Para além de ter sido presidente da Fundação Gulbenkian, que é “um mundo e está em todo o mundo”, Vilar presidiu também ao Centro Português de Fundações e ao European Foundation Centre, sendo desde 2010 *co-chair* da Global Philanthropy Initiative. Entre outros pontos altos do seu currículo estão a presidência do Conselho de Auditoria do Banco de Portugal e do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos, ou as etapas como comissário-geral para a Europália e como ministro dos Transportes e das Comunicações e ministro da Economia.

Para além de textos “doutrinários ou ensaísticos”, e de depoimentos e reações motivados por circunstâncias específicas, *Varia* é também fértil em testemunhos dedicados a personalidades como Eduardo Lourenço, Francisco Sá Carneiro, Miguel Torga ou Adriano Moreira, que revestem o livro de uma dimensão pessoal e por vezes afetiva que vem enriquecer o seu lado intelectual e institucional. Nos seus tributos a estas individualidades, Vilar veste ora a pele de admirador ora a de amigo, e não raramente ambas em simultâneo.

Varia é um verdadeiro legado do pensamento de Rui Vilar, constituindo as suas quase seiscentas páginas uma compilação de muitos dos mais relevantes momentos deste “tempo rico de experiência” à frente da Fundação Calouste Gulbenkian. ■

Outras edições **Percursos da identidade** **Representações da nação na literatura pós-colonial** **de língua portuguesa**

Ana Margarida Fonseca

Educação, trabalho e família **Trajetórias de diplomados universitários**

Maria Manuela Bento Gonçalves

Reedições **Obras completas (3ª edição revista e ampliada)**

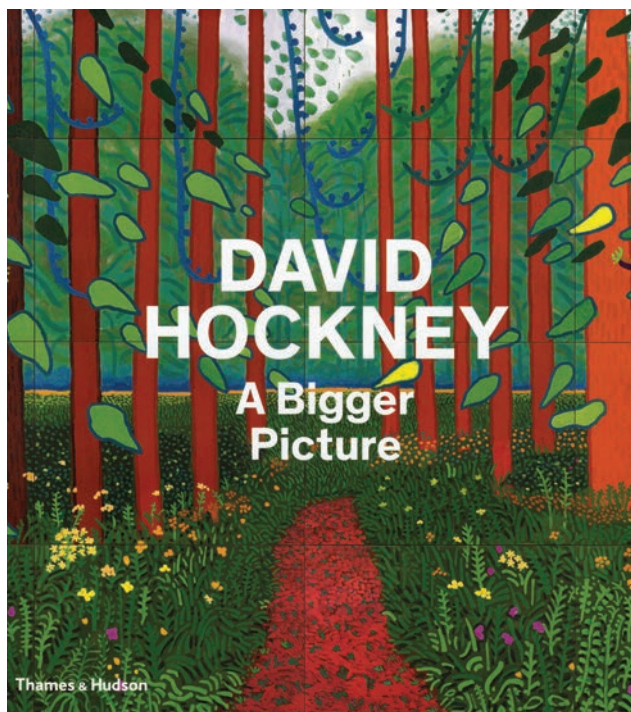
Delfim Santos

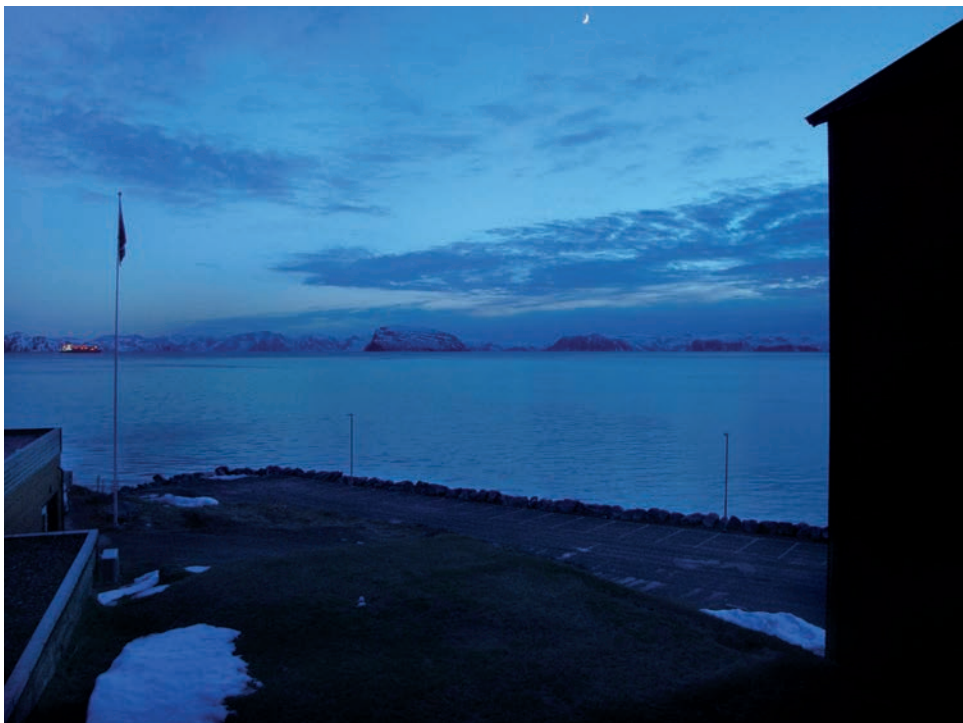
Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

A história de Alice no País das Maravilhas, criada por Lewis Carroll, foi a fonte de inspiração para o título da exposição *In Wonderland: The Surrealist adventures of women artists in Mexico and the United States*, organizada pelo Los Angeles County Museum of Art (LACMA) e pelo Museo de Arte Moderno (MAM) da Cidade do México. Inaugurada em Los Angeles no início deste ano, pode ser visitada entre 7 de junho e 3 de setembro no Musée Nationale des Beaux-Arts du Québec e encerrará a 13 de janeiro de 2013 na capital mexicana. Trata-se da primeira grande exposição dedicada exclusivamente a mulheres artistas nascidas no continente americano ou que para lá se expatriaram vindas de uma Europa em conflito, cuja produção criativa se integra nos princípios estéticos do movimento surrealista, num período cronológico que vai dos anos 30 até à década de 1970. A exposição reúne cerca de 175 obras – pintura, escultura, fotografia, instalação – de 48 artistas, algumas mais conhecidas como Louise Bourgeois, Frida Kahlo, Dorothea Tanning e Francesca Woodman, outras ilustres desconhecidas como Remedios Varos, Maria Izquierdo, Barbara Morgan e Steffi Kiesler. O livro-catálogo, profusamente ilustrado, editado para acompanhar e documentar a exposição, contém sete ensaios que abordam aspetos do Surrealismo e da história do movimento feminista, biografias (com retratos) de cada uma das artistas e uma bibliografia selecionada. ■



Editado pela Thames and Hudson, o catálogo *David Hockney: A Bigger Picture* acompanha a exposição com o mesmo nome, que pode ser visitada atualmente no Guggenheim Museum de Bilbao (até 30 de setembro), depois de ter sido inaugurada na Royal Academy of Arts de Londres e antes de viajar até ao Museum Ludwig de Colónia (de 27 de outubro a 4 de fevereiro de 2013). Trata-se de uma exposição dedicada às coloridas paisagens – muitas inspiradas pelos campos do seu Yorkshire natal, a maioria de grandes dimensões – pintadas pelo britânico David Hockney (n. 1937), reunindo cerca de 190 obras, grande parte das quais produzidas nos últimos seis a sete anos, a que se junta um pequeno conjunto de trabalhos que o artista realizou entre 1956 e 1998 e que permitem uma visão contextualizada do seu interesse pela paisagem, assim como das diferentes técnicas que tem utilizado e que incluem o iPad. O extenso catálogo editado, para além das reproduções de excelente qualidade dos trabalhos expostos, contém cinco ensaios sobre a pintura de Hockney, um dos quais da autoria do cocurador da exposição, o historiador de arte Marco Livingstone, uma bibliografia selecionada e uma cronologia ilustrada. ■





uma obra.....

Centro de Arte Moderna

272B9

Augusto Alves da Silva

“**A**s minhas imagens são claras e o que nelas aparece é reconhecível. São, de certa forma, aquilo que um fotógrafo amador tenta fazer quando traz fotografias das viagens para mostrar aos amigos: imagens que, à partida, estarão nítidas e enquadradas – não meia maçaneta da porta ou o parapeito da janela. Quero que as minhas imagens, porque aparentemente cristalinas, possam cativar quaisquer pessoas, para depois as confundir. Se se sentirem confusas é porque estão a raciocinar. Talvez comecem a não tomar como garantido aquilo que está à frente delas.” As palavras de Augusto Alves da Silva, em entrevista a Ricardo Nicolau³, funcionam quase como um aviso ao espectador menos informado sobre o trabalho do autor, resumindo em poucas palavras o muito que se pode dizer sobre a obra deste artista.

De facto, a aparente banalidade das imagens reflete sobre os seus próprios códigos e géneros fotográficos (paisagem, retrato, fotorreportagem, documental, moda) que Augusto Alves da Silva percorre de uma maneira transversal nos

seus diferentes projetos referindo: “Sempre achei absurda a divisão da fotografia em estilos ou géneros, tipo retrato, nu, paisagem, arquitetura, [...] a paisagem que fotografo fascina-me como algo onde se podem ler imensos sinais de uma determinada sociedade.”²

É deste modo que um conjunto de belas imagens de paisagem pode esconder uma conotação política, como em *3.16* (2003), ou simplesmente contradizer a sua beleza na banalidade de um discurso radiofónico em direto, como em *Ibéria* (2009), sendo estes apenas dois exemplos da necessidade de aprofundar o exercício do olhar em discursos mais plurais, ancorados não no estereótipo do género, mas no detalhe, na sequência, na montagem das fotografias que constituem a série.

As imagens do autor partem do imediato, do familiar, para depois deslocarem a fragilidade da percepção para uma geografia de relações que se inscrevem num entendimento da descoberta do inesperado, do acidental, ou do “desencontro”.



272B9, 2011

Triptico

Assinado e datado

Fotografia cromogénea montada em Diasac

Edição 1/3

Inv. FP577 1-3 - Coleção do CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Nas imagens de 272B9, vemos duas paisagens de orla marítima a que facilmente associamos o anoitecer e a luz do meio do dia, mas que não determinam nem identificam o local. Depois, a sequência das paisagens é quebrada por um retrato na imagem do lado direito, em que uma personagem pinta os lábios com um batom cuja referência (272B9) dá o título ao tríptico, deslocando toda a importância da paisagem monumental para o pequeno detalhe do batom. A falta de referências nesta imagem não permite, à partida, determinar se a fotografia da personagem foi feita no mesmo local das paisagens ou noutra qualquer, colocando em suspenso a eventual dimensão narrativa da obra.

Esta incerteza só assalta o espectador pelo facto do autor a ter colado numa função dialética com a paisagem neste tríptico.

Aquela que era uma imagem “fora da série” torna-se assim a imagem âncora do tríptico na medida em que introduz uma perturbação, promove uma fratura, indo ao encontro do processo de Augusto Alves da Silva quando refere:

“No fundo, tento construir uma espécie de universo fotográfico em que não abduco da sofisticação, mas em que qualquer pessoa pode, à partida, ver alguma coisa com que se identifique. Depois ensaio formas de interferência entre as imagens”³, numa filiação na referência cinematográfica da *montagem conflito*, de Sergei Eisenstein⁴, como dinâmica geradora de novos enunciados. ■ José Oliveira

1 NICOLAU, Ricardo (2007), “Há Casas Feias nos Açores”, in AAVV (2007). *BES Photo 2006* [cat.], Lisboa: Fundação Centro Cultural de Belém / Banco Espírito Santo, p. 29.

2 Entrevista a João Fernandes e Ricardo Nicolau in FERNANDES, João (comissário) (2009), *Augusto Alves da Silva: Sem Saida – Ensaio sobre o Optimismo* [cat.], Porto: Fundação de Serralves, p.48.

3 NICOLAU, Ricardo (2007), “Há Casas Feias nos Açores”, in AAVV (2007). *BES Photo 2006* [cat.], Lisboa: Fundação Centro Cultural de Belém / Banco Espírito Santo, p. 29.

4 EISENSTEIN, Sergei (1929/2007). “Montage is Conflict”, in COMPANY, David (ed.) (2007). *The Cinematic*, Londres e Cambridge (MA): Whitchapel Gallery e MIT Press, pp. 30-32.

Concerto das **ORQUESTRAS GERAÇÃO**

11 de julho às 18h

Anfiteatro ao ar livre

